



Pontifícia Universidade Católica
do Rio de Janeiro

Gracielli Berlanda da Silva

**Brincadeiras e interações: como acontecem as interações
durante as brincadeiras?**

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

Coordenação Central de Extensão

Curso de Especialização de Educação Infantil: Perspectivas de
Trabalhos em Creches e Pré-Escolas

Orientadora: Ana Elisabete Lopes

Rio de Janeiro

Setembro 2017

Pontifícia Universidade Católica
do Rio de Janeiro



Gracielli Berlanda da Silva

**Brincadeiras e interações: como acontecem as interações
durante as brincadeiras?**

Monografia apresentada ao programa de Pós-Graduação
em Educação da PUC-RIO como requisito parcial para
obtenção do título de Especialista de Educação Infantil

Coordenação Central de Extensão

**Curso de Especialização de Educação Infantil:
Perspectivas de Trabalhos em Creches e Pré-Escolas**

Orientadora: Ana Elisabete Lopes

Rio de Janeiro

Setembro 2017



Aos meus filhos Juan e Jean, que sempre foram as grandes inspirações dos meus estudos e o significado de tudo que existe de mais especial dentro de mim.

AGRADECIMENTOS

São muitos aos que tenho que agradecer, mas em especial:

Minha mãe Lourdes,

que sempre esteve presente em todos os dias me ajudando, incentivando e se sentindo orgulhosa com as minhas conquistas educacionais e profissionais.

Meus filhos Juan e Jean,

obrigada pelo amor e paciência durante todos os momentos que me mantive distante e envolvida em outras atividades longe de vocês.

Meu marido Eduardo,

que teve paciência durante os dias e as noites que me mantive envolvida nos estudos. Esteve ao meu lado em todas as frustrações e conquistas dessa minha caminhada.

Meus irmãos,

obrigada pela compreensão e apoio durante todos esses anos.

Familiares,

gostaria de agradecer à todos que souberam entender as minhas ausências durante as comemorações e momentos importantes que estive me dedicando aos estudos.

Aos amigos,

a vocês agradeço todos os dias pelas conversas diárias, pela paciência nos momentos desesperadores de término da pesquisa e especial pelo carinho,

As Crianças,

vocês são a razão de todos os meus esforços e conquistas diárias. Agradeço todos os dias pela escolha que fiz em ser educadora.

À Ana Elisabete Lopes,

que com dedicação, paciência e todo o seu conhecimento me ajudou a construir esse trabalho.

RESUMO

Essa monografia tem o objetivo de pesquisar e analisar como acontecem as interações durante as brincadeiras no contexto da Educação Infantil. A pesquisa ocorreu em uma escola de Educação Infantil localizada na zona sul do Rio de Janeiro. A coleta de dados foi realizada através da investigação sobre os registros diários produzidos no Caderno de Observações de Turma, no período de fevereiro a setembro de 2017. Partindo da análise desses registros do cotidiano de trabalho, foi construído um diálogo com autores que nos auxiliam na reflexão sobre o tema. Destacamos o pensamento de Vygotsky, Angela Borba, Maria Fernanda Nunes e Sonia Kramer como referencial desse estudo. O objetivo do estudo é investigar as interações que as brincadeiras proporcionam para as crianças e os fatores que favorecem essas interações. Dentre esses fatores que influenciam a experiência do brincar, são destacados: a prática pedagógica dos professores, a rotina de trabalho na educação infantil, a valorização das linguagens das artes e a organização do espaço.

Palavras – chaves: Interações, Brincadeiras, Crianças

Sumário

1- Introdução.....	7
2- O que é o brincar na escola?.....	11
3- Interações e as práticas pedagógicas na Educação Infantil	17
4- As brincadeiras e as interações	21
4.1- As linguagens da Arte na escola:	22
4.2- A organização dos espaços:.....	25
4.3- O brincar e as interações	27
4.4- Os professores, as interações e as crianças	29
5- Considerações finais.....	32
6- Referências Bibliográficas.....	34

1- Introdução

Sou pedagoga, formada na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RIO) e procuro ampliar minha formação na área da Educação, sempre pensando na minha atuação como educadora. Atuo na Educação Infantil desde 2000, exercendo a função de auxiliar de turma, professora auxiliar e como professora titular.

Esta pesquisa sobre as brincadeiras e interações surgiu como foco de interesse após algumas observações e conversas informais que ocorreram durante os 17 anos que trabalho na Educação Infantil. Esses anos foram distribuídos entre: 4 anos atuando como auxiliar de turma, 5 anos como professora auxiliar e 8 anos como professora titular.

Muitas vezes observei as crianças brincando em momentos ditos “livres” por muitos profissionais da área da educação, tais como: as brincadeiras com brinquedos dentro das salas de aula, brincadeiras de pique no pátio da escola, brincadeiras com fantasias (roupas) e jogos escolhidos pelas crianças. Entretanto, percebo durante esses anos que muitas brincadeiras são criadas, escolhidas e vivenciadas somente pelas crianças. Elas interagem uma com as outras descobrindo, redescobrando e renovando as brincadeiras.

Os adultos estão presentes nos espaços escolares, mas, muitas vezes, acontece um distanciamento dos professores perante as crianças durante as brincadeiras. Muitos profissionais estão ocupados com outras funções pedagógicas e rotineiras da escola. E, infelizmente, alguns educadores ainda acreditam que as brincadeiras “livres”, no qual as próprias crianças criam e escolhem como vão brincar, não deveriam acontecer por causa da “bagunça” ou desordem que provocam.

O estudo apresentado ao longo da monografia procura compreender como acontecem as interações durante as brincadeiras. Essa investigação leva à reflexão sobre como são as interações e mediações entre os adultos e crianças e entre os próprios pares (crianças).

Algumas questões orientaram o estudo sobre o tema, tais como: - Por que alguns educadores observam esses momentos livres como uma “bagunça” ou uma desorganização nos espaços? – Qual a importância das brincadeiras? Quais as características das interações estabelecidas com seus pares durante as brincadeiras? - Qual o papel do adulto/educador nesses momentos das brincadeiras?

Atualmente, trabalho em duas escolas da zona sul do Rio de Janeiro, sendo uma escola privada para crianças de 1 ano e meio até os 6 anos de idade e, a outra, uma creche comunitária que atende crianças do berçário (1 ano) até o 5º ano do Ensino Fundamental.

O interesse pelo tema de pesquisa surgiu a partir de algumas vivências e conversas informais com colegas de profissão e os estudos realizados durante os cursos de Pedagogia e de Especialização em Educação Infantil da PUC-RIO.

A metodologia construída para a elaboração desta pesquisa envolveu um levantamento bibliográfico sobre o tema e o resgate de algumas observações realizadas durante a prática cotidiana com meus alunos em diferentes momentos, espaços e atividades, interagindo com outras crianças e professores. Essas observações são redigidas diariamente no Caderno de Observação de Turma, que fica na sala de aula, para o registro dos professores que trabalham com o mesmo grupo de crianças. As observações resgatadas desse caderno e citadas ao longo da monografia foram produzidas no período entre fevereiro e setembro de 2017.

Entendo que o brincar é fundamental no desenvolvimento infantil e é um direito da criança, destacado nas Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Básica (2010) que deve ser garantido nos diferentes espaços, dentre eles, os espaços escolares.

Infelizmente, nos grandes centros urbanos, os locais públicos de convivência estão cada vez mais restritos, por questões de segurança, violência, dificuldades de acesso e, dessa forma, as escolas ocupam lugar de destaque atualmente como espaços apropriados para a troca de conhecimentos e vivências culturais que as brincadeiras podem proporcionar.

Observo ao longo de minha experiência como professora que algumas escolas estão mais preocupadas em preparar as crianças da Educação Infantil para o Ensino Fundamental. Muitos professores acabam sendo “obrigados” a reproduzir propostas maçantes, realizando atividades ditas pedagógicas, e as brincadeiras “livres” entre as crianças acontecem quando os educadores estão envolvidos em outras tarefas da rotina escolar.

Foi pensando na necessidade de valorização da brincadeira no cotidiano escolar e no reconhecimento da importância das interações estabelecidas nas brincadeiras que realizei a pesquisa aqui apresentada.

Alguns autores apoiaram a reflexão sobre as questões de estudo, tais como: Vygotsky (1991), Corsaro (2005) e Borba (2006). O diálogo com o pensamento desses autores me levou a refletir sobre alguns temas e inquietações que foram surgindo durante a pesquisa.

O teórico Vygotsky (1991) trata da importância do brincar na infância e levanta o tema da interação entre os pares e os adultos, quando fala da questão da imitação no meio cultural que as crianças estão inseridas. Destaca que a imitação está na etapa de zona do desenvolvimento proximal, pois nesse desenvolvimento a criança está amadurecendo o desenvolvimento real para chegar ao desenvolvimento potencial. Portanto, o desenvolvimento proximal estaria sempre em processo, tentando levar a criança aos acertos e erros da imitação dentro das interações com o outro respeitando suas limitações. Segundo Oliveira (2009):

A noção de zona de desenvolvimento proximal é fundamental nessa questão: só é possível a imitação de ações que estão dentro da zona de desenvolvimento proximal do sujeito. Um bebê de dez meses pode imitar expressões faciais ou gestos, por exemplo, mas seu nível de desenvolvimento não lhe permite imitar o papel de um médico... (OLIVEIRA, p.65, 2009).

As interações entre os pares e adultos é um dos temas principais dessa monografia e o estudo sobre o pensamento de Vygotsky contribui para a reflexão sobre a importância do contato com o outro no desenvolvimento da criança. Também busquei compreender o papel do educador nas interações, trocas e vivências que ocorrem nos espaços escolares, a partir do estudo sobre o pensamento de William A. Corsaro (2005). Dialogando com o pensamento desse autor, procuro refletir sobre as interações estabelecidas durante as brincadeiras, entre educadores e crianças. Destaco, ainda, a contribuição dos estudos de Borba (2006) para melhor compreender a brincadeira como um fenômeno de cultura e para pensar como ocorrem as brincadeiras, a partir do olhar da criança. Esse estudo contribuiu para a investigação sobre as formas de ver, pensar e sentir o mundo do ponto de vista da criança.

A legislação atual também é referência para a construção da monografia. A reflexão construída toma como base a legislação oficial para as instituições de ensino e as Diretrizes Curriculares, que abordam os direitos das crianças e os deveres das escolas em fornecer atributos adequados para esses momentos de brincadeiras.

No primeiro capítulo da monografia apresento uma introdução ao tema de estudo e, em seguida, no segundo capítulo, é abordada a questão: **O que é o brincar na escola?** Apresento como destaque a discussão sobre a importância do brincar, a partir do ponto de vista de vários pesquisadores que discutem o tema. Nesse estudo reconhecemos que, dentro de uma instituição de Educação Infantil, juntamente com as brincadeiras, encontramos outros fatores que facilitam o envolvimento e as interações entre as crianças e adultos e as crianças e os seus pares.

No terceiro capítulo, com o título **“Interações e as práticas pedagógicas na Educação Infantil”**, apresento algumas considerações sobre as diferentes concepções de Educação Infantil, desde a década de 70 até o momento atual, tendo como referência a legislação brasileira. Discuto também a questão da desvalorização do profissional da Educação e alguns avanços satisfatórios que ocorreram no decorrer dos anos. Algumas questões centrais de estudo são desenvolvidas, no diálogo com os autores citados, envolvendo a discussão sobre a importância das interações estabelecidas pelos educadores com as crianças nas práticas pedagógicas das instituições escolares.

No quarto capítulo, o título **“As brincadeiras e as interações”** nos remete a questão central de estudo, que é desenvolvida a partir da apresentação e análise do material da pesquisa de campo. Alguns registros redigidos por mim quando atuava como educadora, no Caderno de Observação da Turma, são destacados e analisados ao longo do capítulo. O objetivo é investigar as interações estabelecidas nas brincadeiras mobilizadas por experiências vividas na prática pedagógica.

2- O que é o brincar na escola?

A importância da brincadeira no dia a dia da escola é destacada por diversos teóricos e pesquisadores da primeira infância (0 a 6 anos). Sua importância é reconhecida também nas Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (DCNEI), que estabelece que “as práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil devem ter como eixos norteadores as interações e a brincadeira” (BRASIL,2010, p.25):

Criança: Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura. (BRASIL, 2010, p.12).

Essa concepção de criança apresentada nas DCNEI, que tem força de lei, deveria ser reconhecida e valorizada por todos, especialmente pelas instituições de Educação Infantil, pelos educadores e pais. Levando em conta que a criança é esse sujeito histórico e de direitos, assim como produtora de cultura, temos como desafio pensar uma educação adequada ao momento histórico, onde o brincar é elemento essencial para o desenvolvimento e formação das crianças. Como afirma o mesmo documento:

A proposta pedagógica das instituições de Educação Infantil deve ter como objetivo garantir à criança acesso a processos de apropriação, renovação e articulação de conhecimentos e aprendizagens de diferentes linguagens, assim como o direito à proteção, à saúde, à liberdade, à confiança, ao respeito, à dignidade, à brincadeira, à convivência e à interação com outras crianças. (BRASIL,2010, p.18).

Sendo o brincar um direito da criança, destacamos que deve fazer parte da Proposta Pedagógica das instituições, fazendo parte da rotina, que é o elemento que orienta todo o trabalho diário nas escolas. As rotinas devem ser orientadas e planejadas partindo dos desejos e necessidades das crianças, com o foco na experiência lúdica do brincar.

O brincar é essencial para construção da subjetividade da criança. Através das brincadeiras as crianças conseguem se expressar com mais facilidade, absorver e produzir cultura em seu meio. O papel do educador é importante já que poderá atuar como facilitador desses momentos de troca de experiências. Nessa interação estabelecida na experiência do brincar, a criança e o adulto necessitam um do outro e constituem-se mutuamente enquanto sujeitos. O pensamento de Moura (2009) reafirma a importância da brincadeira e seu potencial integrador das múltiplas linguagens.

A brincadeira favorece a interação, a construção da identidade e da alteridade, contribui para a apropriação de modelos, para o aumento da autoestima, para a construção da subjetividade, para a compreensão e o conhecimento do mundo, das pessoas, dos sentimentos etc. A brincadeira pode congrega múltiplas linguagens. (MOURA, 2009, p. 81).

Temos em nossa sociedade uma visão de que a rotina é algo ruim, repetitivo, por isso, sem novidades. Na Educação Infantil não podemos pensá-la dessa forma, como um momento “engessado”, com regras duras pré-estabelecidas, mas sim, como um instrumento organizador e orientador de novas experiências, conseqüentemente, de subjetividades.

O olhar das crianças e suas formas de perceber, criar, e se inserir na cultura são provocadores e reveladores de questões importantes para a construção do trabalho cotidiano e para a reflexão a respeito dele. Os seus desejos e interesses também orientam as práticas pedagógicas nos espaços de educação infantil, (TIRIBA, BARBOSA E SANTOS, 2013, p.289).

Cada criança apresenta características e necessidades diferenciadas dentro de uma sala de aula, portanto os professores devem ter o cuidado de pensar e planejar a rotina de trabalho visando o envolvimento do grupo e as interações possíveis de serem construídas e compartilhadas.

O olhar do educador deve estar atento aos desejos e interesses da criança na elaboração da rotina e ela deve ser pensada de forma a atender às necessidades que demandam. Por isso, uma interação de qualidade entre os sujeitos (professor e criança, criança e criança) é fundamental nessa descoberta, devendo sempre existir uma flexibilidade para mudanças de planos, caso o programado / planejado não esteja adequado na prática.

No documento “Critérios para um Atendimento em Creches que Respeite os Direitos Fundamentais das Crianças” (1995), do Ministério da Educação e Desporto-Secretaria da Educação Fundamental, organizado por Fúlvia Rosemberg e Maria Malta Campos, o direito à brincadeira é apresentado como o primeiro tópico dos direitos da criança:

Nossas crianças têm direito à brincadeira
Os brinquedos estão disponíveis às crianças em todos os momentos
Os brinquedos são guardados em locais de livre acesso às crianças
Os brinquedos são guardados com carinho, de forma organizada
As rotinas da creche são flexíveis e reservam períodos longos para as brincadeiras livres das crianças
As famílias recebem orientação sobre a importância das brincadeiras para o desenvolvimento infantil
Ajudamos as crianças a aprender a guardar os brinquedos nos lugares apropriados
As salas onde as crianças ficam estão arrumadas de forma a facilitar brincadeiras espontâneas e interativas
Ajudamos as crianças a aprender a usar brinquedos novos
Os adultos também propõem brincadeiras às crianças
Os espaços externos permitem as brincadeiras das crianças
As crianças maiores podem organizar os seus jogos de bola, inclusive futebol
As meninas também participam de jogos que desenvolvem os movimentos amplos: correr, jogar, pular
Demonstramos o valor que damos às brincadeiras infantis participando delas sempre que as crianças pedem
Os adultos também acatam as brincadeiras propostas pelas crianças

Fonte: Critérios para um atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças, 1995.

A rotina na Educação Infantil é compreendida como estratégia facilitadora da prática dos professores e auxilia na organização do trabalho pedagógico e dos cuidados necessários com as crianças. A rotina bem planejada também ajuda as crianças a se situarem nos momentos que ainda estão por vir durante um dia letivo.

Quando se fala em brincar, é preciso destacar a reflexão sobre a origem das brincadeiras, que desde sempre existiram. Culturalmente, podem-se resgatar várias brincadeiras dentro do espaço escolar ou no meio familiar. As brincadeiras vão passando de geração em geração, como afirma Angela Borba (2009):

a brincadeira é em si mesma um fenômeno da cultura, uma vez que se configura como um conjunto de práticas, conhecimentos e artefatos construídos pelos sujeitos no contextos históricos e sociais em que se inserem (BORBA, 2009,p.71).

Cada sociedade traz consigo suas culturas e valores e as brincadeiras fazem parte deste contexto histórico, compondo os repertórios infantis. Durante as brincadeiras as crianças vão se constituindo como parte da sua sociedade, aprendendo a brincar com os seus pares e familiares. Nas brincadeiras as crianças conseguem expressar os seus desejos, habilidades, conhecimentos e estão em constante aprendizagem com o outro.

Uma importante implicação pedagógica dessa compreensão do brincar é a necessidade de a escola favorecer a ampliação das experiências das crianças, pois “quanto mais (a criança) veja, ouça, experimente, quanto mais aprenda e assimile, quanto mais elementos reais (ela) disponha em sua experiência tanto mais considerável e produtiva será”. (BORBA, 2009, p. 76).

Brougère (1998) apresenta em seus estudos o conceito de cultura lúdica. O autor entende cultura lúdica como um fator, no conjunto das atividades humanas, que envolve os conjuntos de brincadeiras sem regras pré-determinadas, onde essas regras são estabelecidas por determinados grupos, tendo o faz de conta como disparador.

Esses momentos seriam as brincadeiras observadas durante o cotidiano de cada criança conforme o seu meio social, como por exemplo: “papai e mamãe”, “brincadeira de casinha” e as brincadeiras sem regras estabelecidas anteriormente pelas crianças ou adultos.

A cultura lúdica compreende evidentemente estruturas de jogo que não se limitam às de jogos com regras. O conjunto das regras de jogo disponíveis para participantes numa determinada sociedade compõem a cultura lúdica dessa sociedade e as regras que um indivíduo conhece compõem sua própria cultura lúdica. (BROUGÈRE, 1998, p. 22)

As linguagens da Arte na escola favorecem essas experiências e momentos de brincadeiras nos espaços de Educação Infantil. Através das linguagens artísticas, das Artes Visuais, Música, Dança e Teatro, dentre outras formas de representação simbólica do homem, as crianças desenvolvem a livre expressão, mobilizando a imaginação e a criatividade. O educador tem importante papel como mediador dessas experiências com as linguagens da Arte junto às crianças dentro das escolas. Por sua vez, destacamos ainda que as brincadeiras também mobilizam experiências criadoras. Ao brincar as crianças vão experimentando, elaborando e criando novas brincadeiras, partido das experiências já vivenciadas dentro do ambiente escolar e familiar.

A partir do pensamento da autora Maria Teresa Moura (2009), destacamos a importância das brincadeiras com sons (música) no trabalho desenvolvido com as crianças na primeira infância (0 a 6 anos). A linguagem sonora pode ser explorada através das brincadeiras e estímulos oferecidos pelos educadores, quando proporcionam o contato das crianças com os instrumentos musicais, com os objetos que fazem algum tipo de barulho. A partir dessa exploração sonora e das brincadeiras, podemos perceber a apropriação das crianças em relação a esse universo sonoro no campo da linguagem musical.

Outro fator importante a ser considerado, quando planejamos a rotina visando mobilizar as brincadeiras e a exploração das linguagens artísticas pelas crianças, é a questão da organização do espaço. Um dos fatores que facilita as brincadeiras e a exploração das diferentes linguagens da Arte dentro de uma instituição são os espaços. Os espaços são essenciais para estimular a participação e o desenvolvimento criador das crianças e dos educadores.

As crianças conseguem criar brincadeiras em diferentes espaços, elas apresentam grande facilidade em explorar e utilizar objetos, panos e mobílias durante as brincadeiras. Escutar e observar as necessidades do grupo é importantíssimo para a organização do espaço. De acordo com Guimarães (2009):

É importante que o espaço apresente a organização do mundo (o que acontece quando dispomos fotografias, reproduções de obras de arte, textos, livros, etc.) e que favoreça que as crianças experimentem situações expressivas diversas (com variedade de materiais disponíveis, tais como panos, caixas, etc.). (GUIMARÃES, 2009, p. 95).

As crianças são criativas e as brincadeiras coletivas e individuais proporcionam que elas utilizem cada vez mais a criatividade, a imaginação e novas descobertas. O brincar sempre irá fazer parte da primeira infância (0 a 6 anos), mas é fundamental que os educadores proporcionem constantemente experiências lúdicas para as crianças. As brincadeiras são essenciais para as interações entre os pares e com os adultos nas escolas.

3- Interações e as Práticas Pedagógicas na Educação Infantil

Ao analisarmos as transformações no campo educacional brasileiro observamos várias mudanças na legislação que aborda a Educação, desde a década de 70 até o momento atual. No campo da Educação Infantil, o cenário escolar na década de 70 não era muito favorável, pois existia uma desvalorização dos profissionais que atuavam na Educação Infantil. Nesse período, uma quantidade mínima de crianças (0 a 6 anos) frequentava as instituições de ensino, com grande repetência nas séries iniciais e uma evasão escolar imensa devido a não obrigatoriedade da escolaridade.

Ao longo dos anos, o Ministério da Educação e Cultura (MEC) elaborou medidas de melhorias na educação básica, visando uma melhor qualidade na educação, tais como: (ii) a aprovação da Lei de Diretrizes e Base da Educação Infantil (LDB) em dezembro de 1996, que afirmou a Educação Infantil como primeira etapa da Educação Básica. Com isso, em 2006, também foi incluída a criança de seis anos ao ensino fundamental, a gratuidade e escolaridade obrigatória, dos 4 aos 17 anos de idade. Também foram tomadas medidas para a oferta do atendimento gratuito em creches para crianças de zero até três anos de idade. Leite Filho e Nunes (2017) afirmam que “a Constituição Federal 1988 é resultado de mobilização, luta e políticas em defesa da infância brasileira. A criança até então compreendida como objeto de tutela passa a sujeito de direitos” (LEITE FILHO e NUNES, 2017, p.70).

Essas medidas contribuíram para que a Educação Infantil fosse reconhecida como um direito de toda criança que deve ser garantido pelo governo. A partir dessa orientação legal, observamos uma queda na evasão escolar e o aumento do número de crianças menores de seis anos matriculadas nas creches e pré-escolas. Com todas essas mudanças na legislação, a qualificação dos profissionais da educação infantil passa a ser uma questão que exige maiores investimentos.

Alguns sistemas de ensino defendem que na creche podem trabalhar profissionais não docentes coordenando os grupos infantis - auxiliares de desenvolvimento infantil, técnicos em desenvolvimento infantil, recreacionistas, monitores, pajens, e outras denominações, dado que a função desses profissionais não seria a de ensinar para crianças, mas a de socializá-las, garantir seu bem-estar... Iguamente as instituições incumbidas da formação inicial e continuada dos professores de Educação Infantil devem rever os currículos dos cursos de preparação para o magistério para atender aos requisitos colocados pelo ordenamento legal e pela concepção técnica que tem se consolidado a partir de pesquisas sobre o desenvolvimento e a aprendizagem de bebês e crianças menores de seis anos em ambientes de educação coletiva. (MEC, 2006, p. 5 e 6).

Os profissionais que estão envolvidos nesses processos de ensino e aprendizagem na Educação Infantil devem ser capacitados para lidar com diferentes tipos de crianças. O seu olhar deve ser direcionado para cada criança como única, observando e se envolvendo nas mediações e interações que vão surgindo no cotidiano das instituições.

A LDB (BRASIL 1996) destaca que é fundamental a qualificação destes profissionais, pois com a qualificação específica dos educadores, o serviço educacional apresenta um desempenho melhor nas atividades propostas para as crianças. Os profissionais que trabalham diretamente com as crianças devem ter no mínimo o ensino médio (Curso Normal).

Barros e Scramingnon e Chamarelli e Castro (2017) trazem o questionamento sobre como era compreendido o papel do professor ao longo dos tempos. Num primeiro momento, era compreendido como um conteudista e não como um adulto que está ali junto com as crianças participando, mediando suas experiências, brincadeiras e interações. Os autores destacam o papel desse educador como colaborador e a Educação Infantil como etapa educacional:

A ideia de professor como colaborador, de educação infantil como uma etapa educacional que visa à educação integral das crianças, que tem como objetivo as diferentes relações travadas em um espaço coletivo de crianças de zero a seis anos está em processo. Um desafio é pensar a articulação entre educação e cuidado das crianças pequenas, seus processos de constituição como seres humanos em diferentes contextos sociais, sua cultura, suas capacidades intelectuais, criativas, estéticas, expressivas e emocionais. (BARROS; SCRAMINGNON; CHAMARELLI; CASTRO, 2017, p.63).

As autoras Nunes e Kramer (2017), destacam que “o ser humano se constitui na relação com o outro; na interação social, as dimensões cognitiva e afetiva não podem ser dissociadas” (NUNES e KRAMER, 2017, p. 34). As áreas cognitivas e afetivas são especialmente afetadas durante as interações e não podem ser separadas uma da outra. Dessa forma, é papel do adulto proporcionar essa mediação, brincando e se relacionando com as crianças nos diversos contextos e situações vividas.

Através das brincadeiras essas interações são estabelecidas e estimuladas. Ao apresentar as contribuições do pensamento de Vygotsky para esse campo de estudos, Oliveira (2010) destaca a importância do “faz de conta”. Para o autor, quando uma criança brinca libera todas as suas vivências já proporcionadas durante uma interação anterior. As crianças conseguem reproduzir várias vezes as mesmas brincadeiras, proporcionando um processo de repetição, mas sempre trazendo uma inovação e novos personagens / protagonistas para esses momentos. Vivenciando situações corriqueiras e prazerosas, dentro e fora dos ambientes das instituições de ensino, elas sempre reproduzem nas brincadeiras com os grupos (outras crianças) essas experiências anteriores.

O “faz de conta” proporciona a criança a utilizar a imaginação, a criatividade e a repetição já vivenciada anteriormente. É dentro das escolas que muitas vezes as crianças conseguem expressar livremente essas vivências.

A promoção de atividades que favorecem o envolvimento da criança em brincadeiras, principalmente aquelas que promovem a criação de situações imaginárias, tem nítida função pedagógica. A escola e, particularmente, a educação infantil poderiam se utilizar deliberadamente desse tipo de situações para atuar no processo de desenvolvimento das crianças. (OLIVEIRA, 2010, p. 69)

Cabe a escola o desafio de proporcionar espaços para as crianças liberarem a imaginação e criatividade, explorando as brincadeiras dentro das rotinas e no planejamento. O educador deve sempre estar atento às necessidades de cada criança e do grupo. As crianças aprendem na interação e na troca com o outro e as mediações do educador devem ser diversificadas dentro das escolas para facilitar o desenvolvimento e a aprendizagem do grupo.

As práticas pedagógicas na Educação Infantil podem e devem ser realizadas de maneira lúdica. Através das atividades lúdicas (brincadeiras), as crianças têm oportunidade de aprender brincando e interagindo com os seus pares e adultos. De acordo com Corsaro (1985), citado por Nunes e Corsino e Kramer (2009), esses eventos de interação na educação infantil são:

“...ações compartilhadas que começam com o conhecimento de presença de dois ou mais atores que se relacionam em alguma área e suas tentativas abertas de chegar a um sentido comum. Para o autor, a identificação da abertura, a negociação de sentidos e a partilha marcam o que é compreendido como evento. (NUNES; CORSINO; KRAMER, 2009, p. 21)

O adulto tem um papel essencial nessas interações e nas mediações estabelecidas com as crianças, pois são os adultos que vão planejar e conduzir as crianças durante as rotinas do dia-a-dia nas instituições. O desafio desse educador é colocar a criança em primeiro plano durante a elaboração dos planejamentos diários das escolas, dando visibilidade às crianças e a seus desejos, necessidades e potencialidades.

As crianças precisam se sentir acolhidas e seguras dentro das instituições de ensino, reconhecidas como sujeitos de direitos, como também, necessitam de oportunidades diversificadas que possibilitem o exercício de fazer escolhas durante o cotidiano das salas de aula e o desenvolvimento da criatividade e da imaginação, durante as brincadeiras propostas ou criadas por elas.

4- As brincadeiras e as interações

A escola escolhida como trabalho de campo é especializada em Educação Infantil e atende crianças de 1 até 6 anos de idade. Localizada na zona sul da cidade do Rio de Janeiro, foi fundada em 1960, inicialmente como uma Escolinha de Artes e, ao longo do tempo, transformou-se em uma escola especializada para Educação Infantil.

Como metodologia de pesquisa para essa monografia, além do levantamento bibliográfico, foi realizada a pesquisa das anotações por mim registradas como professora de turma, no “Caderno de Observação de Turma”. A partir da citação de alguns desses registros, a prática pedagógica cotidiana é rememorada, resgatada e analisada. Esse caderno de observações está constantemente disponível na sala de aula para que os professores possam realizar anotações. Nesse capítulo, são destacados alguns registros que descrevem diferentes momentos de interações durante as brincadeiras, vivenciados no período entre fevereiro e setembro de 2017.

A escola atende 65 crianças distribuídas em cinco turmas, que são compostas no máximo por 18 crianças. Cada turma conta com dois a três professores formados em nível superior ou cursando o Curso Normal (Ensino Médio).

Retomar alguns princípios orientadores da proposta desenvolvida na instituição é caminho para melhor conhecermos a proposta do trabalho realizado pela instituição pesquisada. Relendo a proposta pedagógica da escola, pude observar e destaca a importância do olhar sobre essa criança dado pela instituição:

“(…) cada criança é única, não existem outras crianças iguais a ela: cada qual carrega dentro de si um mundo cheio de diferenças e particularidades. (...) Enquanto se relaciona com tantos outros (seres humanos, objetos, propostas, espaços, sentimentos) cada criança vai construindo, da sua maneira, que é única, conhecendo identidade e cultura, e assim, enriquecendo o seu ser”.

De acordo com a proposta da escola, podemos perceber que ela tem a visão da criança como um sujeito histórico e de direitos. Respeita a individualidade e particularidade de cada uma, destacando a importância da interação para a construção da sua identidade e cultura.

4.1- As Linguagens das Artes nessa escola:

É fundamental para a criança estar em um ambiente que conheça suas especificidades enquanto criança e que saiba também mostrar o caminho para a construção de sua própria identidade.

A escola, em sua proposta, dá ênfase à arte e a brincadeira como caminhos para essa construção, que são elementos indispensáveis para um ambiente que cuida e educa crianças pequenas.

As linguagens da Arte são muito valorizadas na instituição em todas as atividades desenvolvidas diariamente. No planejamento dos professores, as Artes Plásticas, o Teatro, a Música e a Dança têm lugar de destaque e são exploradas todos os dias. Cada professor tem a liberdade de criar propostas, selecionar estratégias e recursos materiais para o trabalho com foco no desenvolvimento do processo criador das crianças.

A partir do 1º registro retirado do “Caderno de Observação de Turma” destacamos a importância das linguagens da Arte no cotidiano escolar:

Os professores da turma de crianças com 3 anos de idade levam como proposta de pintura a utilização de gelos coloridos (preparados no dia anterior pelas crianças com guache e água). A atividade acontece no pátio da escola e, neste espaço, há um chuveirão, uma pia com quatro torneiras da altura das crianças, uma casinha feita de tijolos e uma caixa de areia. Os professores preparam no chão um cartaz com mais ou menos três metros de comprimento e começam a chamar todas as crianças para a atividade:

Professor P: “- Vamos pintar com gelo. Quem quer pintar? ”

Todas as crianças da turma começam a se aproximar dos professores e se sentam ao redor do cartaz. Então, um dos professores começa a atividade lembrando as crianças do gelo preparado anteriormente.

Professor V: “-Quem lembra que nós preparamos gelo ontem? ”

O professor mostrou uma bacia com vários gelos coloridos já todos no processo de descongelamento. As crianças começaram a pegar um gelo por vez e sentir a textura. Depois foram passando o gelo no papel e viram as cores que estavam surgindo. Mas uma menina começou a usar o gelo para passar no corpo e acabou perguntando para uma amiga:

Livia: “-Quer passar o gelo?”

Mariana: “-Sim”

As meninas começaram a brincar com o gelo passando no corpo e quase todas as outras crianças seguiram a ideia de usar o gelo para pintar o corpo, igual às outras duas meninas. (Abril de 2017) .

Fazendo uma reflexão sobre o registro, percebo que essas crianças tiveram a oportunidade e liberdade de usar uma das linguagens da Arte mobilizando interações, pois as duas meninas destacadas conseguiram brincar, interagir, descobrir uma nova sensação e se divertir durante a atividade proposta. Elas experimentaram o material e novas formas de pintar e produzir registros com essa atividade, fazendo com que a proposta se tornasse não só uma pintura no papel, mas sim uma brincadeira que aparentemente foi além das expectativas das professoras, pois as educadoras queriam que as crianças pintassem o cartaz e não tinham sugerido a pintura no corpo.

O processo imaginativo infantil está relacionado ao desenvolvimento, e manifesta-se de maneira bem diferente da do adulto. Seus interesses são mais simples e elementares, sua relação com o meio é menos complexa e menos flexível do que a do adulto, que tem maiores possibilidades de combinação do material imaginativo. O Senso comum costuma afirmar que a imaginação da criança é mais fértil e rica do que a do adulto. (MOURA, 2009, p.83)

Outro ponto valorizado na instituição é o trabalho com a linguagem da Música e todos os dias as professoras proporcionam momentos que envolvam as canções. Na instituição há dois professores de Música, que desenvolvem propostas distintas, uma aula voltada para as percussões e a outra aula mais para as canções de rodas (Linda Rosa juvenil, Escravo de Jó e muitas outras). As crianças se envolvem nas aulas e apresentam gostar muito de cantar e explorar a expressão corporal a partir da pesquisa do gesto e do corpo em movimento acompanhando as canções. A diversidade de manifestações artísticas é material explorado pelos professores que buscam valorizar o acervo cultural das crianças e ampliar suas experiências e conhecimentos no campo da Arte e da Cultura. Ao discutir esse tema, Fazolo (2011) defende a ideia de que cada criança traz consigo sua cultura e que essa deve ser respeitada e valorizada dentro e fora dos espaços escolares. A criança não vai para escola somente para receber informações, mas principalmente para construir conhecimentos compartilhando experiências com seus pares e com os adultos.

É importante, no entanto, ter em conta que a criança não é uma mera receptora dos produtos culturais, como muitos ainda a julgam. Em vez disso, sua forma de se relacionar com esses produtos adquirem novos modos e reinterpretações, por meio do cruzamento de culturas e de significações construídas nas relações com seus pares. (FAZOLO, 2011, p.179)

A musicalidade está envolvida em todos os nossos movimentos, portanto não seria tão difícil abordar o tema musical com as crianças. Muitas escolas infelizmente não valorizam a linguagem da Música no cotidiano escolar. É essencial o trabalho de musicalização nas escolas permitindo aos educandos a exploração do universo musical no qual estão inseridos. Fazolo (2011, p.192), coloca em destaque que “as fontes de conhecimento da criança são as situações que ela tem oportunidade de experimentar em seu dia a dia”. O 2º registro do Caderno de Observação da Turma, demonstra um exemplo claro das relações e influências das vivências musicais dentro da escola:

Em um determinado momento, as crianças (3 anos) estavam brincando com jogos de encaixe em pequenos grupos de quatro alunos na sala de aula (sala com 2 mesas com 8 cadeiras, uma arara de fantasia, 2 armários e 2 janelas). De repente um aluno começa a cantar:

João: “-Olha o gás! Olha o gás!.”

E todas as outras crianças começam a achar a cantoria do colega muito engraçada. As crianças começaram a cantar junto com o amigo, as professoras se olharam e perguntaram onde ele tinha aprendido essa música?

Com muita espontaneidade o menino respondeu:

João: “- foi na minha casa com o moço do gás” (vendedor de botijão de gás).

Então, as professoras pediram para todos começarem a relatar quais eram as músicas que mais gostavam de ouvir. E juntos foram fazendo uma pesquisa na internet e conhecendo diferentes gêneros musicais. (Junho de 2017)

As crianças trazem com elas suas memórias e acreditamos que essa música “Olha o gás” é significativa para essa criança, pois deve ouvir constantemente no seu cotidiano fora do ambiente escolar. Saber o que é importante para a criança e o que faz parte de seu mundo é fundamental para uma prática pedagógica que esteja focada no desenvolvimento da criança como um sujeito singular.

Na experiência acima, os professores aproveitaram o momento de expressão musical dessa criança para explorarem uma atividade que mobilizou o interesse de todas as outras e, com isso, aproveitaram para conhecer o que cada uma traz em seu repertório individual e também para pesquisarem juntos novos gêneros musicais.

Madalena Freire (2008), fala que “constatar no resgate de nossas lembranças que só ficou o que tinha sentido e significado é o “bisturi” para a consciência do que é aprendizagem significativa, do que é construir conhecimento e do que é fazer história” (FREIRE, 2008, p. 43). Portanto, devemos valorizar as memórias musicais de cada criança e também expandir esse repertório com novas canções, apresentando a elas os diversos instrumentos que existem e seus sons, dando espaço para a produção e apreciação musical dentro do cotidiano escolar.

4.2- A organização dos espaços:

No projeto pedagógico da escola também é destacada a questão do espaço físico como facilitador das práticas pedagógicas. Localizada num espaço privilegiado, a escola está inserida dentro de uma bela paisagem com árvores ao seu redor, com salas arejadas, um pátio amplo com caixa de areia, uma horta de fácil acesso para todas as crianças e tem poucas portas fechadas.

Portas fechadas é uma realidade que não encontramos com frequência nessa instituição, pois as crianças podem circular livremente por qualquer ambiente da escola. Isso cria um ambiente facilitador para as interações com outras crianças de diferentes idades e professores de outras turmas.

A partir dos estudos sobre a teoria de Freinet, Audet (2010) destaca a importância do desenvolvimento da livre expressão e influência do ambiente educativo, favorecendo a expressão e comunicação da criança.

Cada um deve poder explorar vários modos de expressão. Todos os ambientes educativos, inclusive as escolas, devem assim fornecer o máximo de sinalizações que permitam ao indivíduo expressar o que ele é, desenvolver plenamente as suas capacidades. (AUDET, 2010, p. 257).

Como os espaços são de livre acesso a todas as crianças, cada uma pode escolher onde quer ficar brincando, já que todas as salas e “cantinhos” são pensados e preparados diariamente para o bem-estar de cada educando.

O 3º registro citado do “Caderno de Observação de Turma” apresenta um momento que demonstra essa liberdade que a criança tem de circular por todas as salas de aula durante a rotina da escola:

Durante a chegada a escola, cada criança vai para a sua sala deixar seus pertences pessoais (mochila, lanches, sapatos e outros).

Tem um menino (2 anos) em especial que realiza todo esse processo, mas depois vai correndo para a sala da turma de 3 anos. Lá ele participa de todas as atividades com muito entusiasmo e atenção. As professoras vão propondo as brincadeiras e ele vai se envolvendo.

Professora (Turma 3 anos): “- Vamos fazer uma massinha com farinha e guache de que cor? ‘

Joaquim (2anos): “- Azul! “

“- Quero a mão de mostro”

O menino demonstra gostar de misturar a farinha e mostrar as mãos meladas para os colegas. (Junho de 2017).

Nesse registro, o Menino (2 anos), demonstra o seu interesse em interagir com as crianças maiores e o espaço proporciona essa relação, pois todos podem andar durante o tempo que se sentirem à vontade.

Para considerarmos uma criança ativa, exploradora e criadora de sentidos, é preciso pensar um espaço e um educador que deem apoio aos seus movimentos, que incentivem sua autoria e autonomia, que contribuam para a diversificação de suas possibilidades. (GUIMARÃES,2009, p. 94)

A escola apresenta um espaço físico pequeno em relação a outras instituições das proximidades (zona sul do Rio de Janeiro), mas consegue distribuir as atividades (lanche, recreio, outros) adequadamente, com um rodizio de salas e pátios.

As duas turmas menores (1 ano e meio e 2 anos) fazem uso constante do pátio, enquanto as outras três turmas estão utilizando as três únicas salas da escola. Em um determinado momento da rotina, todas as turmas da escola se juntam no pátio, proporcionando o chamado: “recreio”.

No “recreio” os professores pensam em brincadeiras que envolvam qualquer faixa etária, mas as próprias crianças conseguem criar subgrupos e inventam brincadeiras nos cantinhos disponíveis no ambiente.

No pátio se encontra uma caixa de areia com brinquedos (panelinhas, fogão de plástico, espadas de piratas, balde de praia, pá de praia e outros). Também tem uma casinha de tijolos, na qual cabe várias crianças e adultos, algumas caixas de brinquedos variados, uma mesa grande com oito cadeiras e uma arara de fantasias.

Essa integração de adultos com crianças e entre as crianças ocorre durante 40 minutos e depois algumas turmas vão para as salas, onde acontece o lanche. Nesses espaços os professores também fazem adaptações, pois as salas são de uso coletivo de todas as turmas.

A autora Schmitt (2014), traz como subtema de pesquisa a discussão sobre a extensão das relações nos espaços, destacando que:

“... a atenção individual precisa ocorrer, e sua qualidade depende também da confiança que os adultos depositam nas outras crianças e os espaços que organizam (...). O espaço dessa perspectiva, representa um terceiro educador, junto com os demais profissionais das salas. Contudo, não é um educador formado por si mesmo ou pelo acaso, mas sim pela ação humana; primeiramente, pela ação dos adultos que, de forma consciente ou não, vão circunscrevendo nele suas concepções a respeito das crianças, de seu papel e das relações a serem ali vivenciadas. (SCHMITT, 2014, p.26)

4.3- O brincar e as interações

O brincar está presente em todos os momentos das crianças dessa escola porque toda a aprendizagem é voltada para a brincadeira e as trocas nas relações. Audet (2010) destaca que “aprendemos pela experiência” (AUDET, 2010, p 260). Quando uma criança de 1 ano e meio brinca com outra criança de 4 anos elas vão aos poucos adquirindo conhecimentos e acabam trocando experiências entre si.

Realmente a escola pensa que todas as crianças devem brincar e se divertir durante todo o tempo em que estão presente na instituição, tentando sempre respeitar as vontades e desejos de cada uma. As brincadeiras não são totalmente livres, já que as crianças tem total liberdade de criarem sozinhas, mas os professores estão ali para realizarem a “ponte” entre o brincar e as crianças. As brincadeiras perpassam a aprendizagem, a socialização, a interação entre os pares e a troca de conhecimentos entre os adultos e as crianças.

Partindo do 4º registro destacado do “Caderno de Observação de Turma”, trago para análise um dos momentos de brincadeiras e interações das crianças:

Quatro meninas (3 e 4 anos) brincando na casinha do pátio. Elas estão conversando e tentando determinar cada “personagem” da brincadeira. Uma das meninas parece ser a líder, pois logo fala com as outras:

Vitória: “-Eu sou a mãe! ”

E as outras duas meninas, ficam olhando para a Vitória sem expressar nenhum movimento corporal, até uma das meninas responderem:

Ana Julia: “-Temos que ter cadeiras para a festa.”

E logo elas iniciam um parabéns com uma panelinha de plástico que estava em cima da mesa dentro da casinha.

Ao ouvir a música, outra menina se aproxima e fica olhando pela janela da casinha a brincadeira. Mas Vitória para bem na frente da terceira menina e fala:

Vitória: “-Você não vai brincar! “

A menina continua parada no mesmo lugar durante alguns minutos.

Lorena (quarta menina), já estava brincando na casinha, então pede licença para passar pela porta e começa a catar algumas folhas caídas pelo chão do pátio.

Ela leva as folhas para dentro da casinha e inicia um corte das folhas com as mãos e coloca tudo dentro da panelinha que está na mesa. A menina que estava na porta se chama Sophia, ela também começa a pegar algumas folhas e dá tudo para Lorena.

Neste momento observo duas brincadeiras separadas dentro da casinha:

Vitória e Ana Julia brincando de mamãe e filha, e Lorena e Sophia estão recolhendo folhas para colocar dentro da panelinha parecendo estar preparando comidinhas com as folhas. (junho de 2017).

A partir dos estudos sobre o pensamento de Vygotsky, Oliveira (2010) destaca a importância da linguagem e das interações na constituição das crianças, pensando a interação não somente nas brincadeiras, mas nas trocas de afetos e conhecimentos culturais. A anotação do caderno revela que as crianças estavam interagindo, trocando conhecimentos e demonstrando afinidades desde o momento que escolhiam os seus pares para cada brincadeira.

O pensamento de Vygotsky coloca em destaque o potencial das interações entre as crianças, das crianças com os adultos e com o mundo, partindo do seu meio social/cultural. Aborda a ideia da imitação como uma representação do meio social, na qual, a criança está inserida. Destaca que, a imitação “não é mera cópia de um modelo, mas reconstrução individual daquilo que é observado nos outros”. (Vygotsky, apud OLIVEIRA, 2009, p.65).

Brincando as crianças conseguem reproduzir situações e experiências já vivenciadas anteriormente. E, em especial, essas meninas citadas no registro demonstraram autonomia, imaginação e criatividade em suas vivências, levando para as suas brincadeiras algumas experiências do seu meio social.

No brincar, a criança se interroga sobre o mundo no qual ela se situa, estranha (estranhamento que é a condição primeira para a compreensão e construção do conhecimento). Pela brincadeira, a criança desnaturaliza o mundo social, ao trabalhar sua estereotipia. A criança não reproduz em sua brincadeira o mundo tal como ela vive, mas recria-o, explorando os limites de sua construção (GOUVEA, 2007, p. 120)

A escola apresenta recursos (espaços, rotinas, planejamentos e profissionais) que estimulam essa capacidade criadora e de transformação das crianças que são estimuladas a recriar experiências anteriores, pois todos esses recursos são necessários para o surgimento das brincadeiras e interações dentro das escolas.

4.4- Os Professores, as interações e as crianças

Cada turma da escola pesquisada, conta com dois a três professores formados em nível superior ou cursando o Curso Normal (Ensino Médio). O nível acadêmico dos professores é bem variado e o grupo é formado por: 3 Pedagogos formados e 1 em formação, 1 Psicólogo formado e 2 em formação, 1 professor de Educação Física, 2 professores formados em Letras, 1 professor cursando Artes Cênicas, 2 professores de Música e 2 professores com o Curso Normal. Todas as turmas possuem pelo menos um auxiliar de turma, podendo assim, dar uma atenção mais individualizada a cada criança.

Uma das propostas da escola em manter esse número de professores (dois ou três) em cada turma é a questão da identificação entre os professores e as crianças. Sabemos que, às vezes, as crianças sentem dificuldades em se relacionar com determinadas pessoas, precisando de um tempo de adaptação e acolhimento. Portanto, a instituição acredita que com mais ou menos quatro funcionários por turma todas as crianças poderão ser acolhidas sem muito transtorno emocional.

Essa diversidade de áreas acadêmicas dos profissionais que atuam na instituição proporciona uma bagagem de conhecimentos riquíssima para os próprios profissionais, pois há uma troca (conversa) constante no cotidiano e durante as reuniões de equipe.

Essas reuniões são semanais com os professores de turma e a coordenação, por quinzena, envolvendo o encontro dos professores das turmas mais próximas (turma anterior e posterior) e, semestral, reunindo toda a equipe de funcionários. A coordenação sempre está aberta e disposta para compartilhar e ajudar os professores interessados em se qualificar nas suas áreas, podendo assim, trazer mais conhecimentos para o grupo.

Partindo dessa diversidade de conhecimentos e experiências, os professores tentam criar estratégias que envolvam as crianças em brincadeiras e atividades. O 5º registro do “Caderno de Observação de Turma” relata um fato ocorrido dentro da sala de aula que demonstra a interação das crianças com as vivências dos professores.

O professor da turma de 3 anos, chegou na sala de aula com uma caixinha de som na mão e mostrou para as outras duas professoras, falando que tinha acabado de comprar.

A caixa de som chamou a atenção de algumas crianças:

Arthur: “-O que é isso? ”

Professor: “-Uma caixa de som”

Arthur: “- Você vai ligar para gente? ”

Professor: “- Não sei. Por que? ”

Arthur: “- Quero dançar”

Então os professores se olham e uma das professoras pegou o seu celular para procurar uma música. Ela seleciona algumas canções e no meio dessas tinha uma música do Elvis Presley.

As crianças fizeram uma festa na sala dançando e pulando durante as músicas.

Quando chegou na música do Elvis Presley a professora parou o som e perguntou:

Professora: “ -alguém conhece esse cantor? ”

As crianças balançaram a cabeça fazendo sinal de não conhecerem.

Então os professores começam a contar algumas histórias sobre o cantor e dançar igual a ele.

As crianças se envolveram na conversa e ficaram pedindo para o professor dançar várias vezes. (agosto de 2017)

As crianças começaram a se envolver com as experiências dos professores demonstrando interesse na música e na dança. E os professores nesse contexto serviram de mediadores para a apresentação de novos conhecimentos durante a conversa e a brincadeira.

Há espaço para participação e interação entre os professores e as crianças, conforme observamos na situação vivida, demonstrando atenção em relação às escolhas e interesses dos grupos. Sabemos que nem sempre as crianças são protagonistas em algumas propostas de ensino e destacamos que, na escola pesquisada, as crianças têm papel central no processo pedagógico.

5- Considerações finais

Durante essa pesquisa reconhecemos e discutimos o papel central das interações e trocas com o outro para o desenvolvimento e formação das crianças, levando em consideração tudo o que está implicado nessas interações. Destacamos a relevância da brincadeira como experiência central durante esse processo de socialização e desenvolvimento das crianças e adultos na escola. As análises dos registros do caderno de campo revelam a riqueza das vivências estabelecidas e provocadas nas brincadeiras. Nas brincadeiras, as crianças estão resgatando e apresentando várias vivências e elementos culturais das suas relações fora do contexto escolar, podendo assim, levar os adultos e as outras crianças a criarem novas experimentações e interações.

Esses momentos de brincadeiras e interações devem acontecer constantemente dentro das instituições de Educação Infantil, pois as crianças de 0 a 6 anos de idade têm o direito legalmente assegurado de brincar dentro dos espaços educacionais. Portanto, as escolas e professores devem pensar suas práticas pedagógicas voltadas para as brincadeiras, levando em consideração as necessidades e os desejos de cada criança presente na instituição.

Observamos que, quando o brincar é articulado e explorado a uma rotina escolar, o processo vivido no grupo é mais rico em experiências e prazeroso para todos que estão envolvidos. Destacamos que, principalmente na Educação Infantil, o brincar e as experiências com as linguagens artísticas são elementos centrais do processo educativo que devem ser valorizados nos planejamentos, projetos e propostas curriculares.

As crianças não aprendem somente com atividades dirigidas, mas também nas interações, nos momentos de socialização, nas trocas com os pares, sejam eles crianças ou adultos. Nesse sentido, as brincadeiras, as rotinas, os espaços oferecidos, os profissionais da instituição e as propostas são fundamentais para essas interações.

A partir da pesquisa realizado no campo, levantamos algumas considerações importantes sobre a escola pesquisada que contribuem para a compreensão da proposta de Educação Infantil que fundamenta nosso estudo:

- A escola não vê as linguagens das Arte só como um método pedagógico, mas sim, como uma linguagem que possibilita a livre expressão, a comunicação, a interação, o brincar e a experiência prazerosa do processo educativo.
- O espaço da escola é adaptado para atender todas as crianças de faixas etárias diferentes, proporcionando, assim, uma troca muito rica em relação à conhecimentos e experiências diferentes entre todos os integrantes da instituição.
- O brincar faz parte de todas as propostas educacionais que envolvem as crianças e os adultos, no qual essas dinâmicas são pensadas e elaboradas anteriormente visando atender às necessidades e desejos das crianças presentes na escola.
- Os professores e profissionais atuantes nessa instituição são capacitados para atuarem com as crianças de Educação Infantil e estão envolvidos no processo educativo, atuando constantemente junto com as crianças e dando visibilidade para a individualidade de cada uma delas.

Destacamos, ainda, a importância do planejamento e organização dos espaços escolares, visando oferecer uma estrutura adequada que atenda todas as crianças sem distinção, considerando suas necessidades e potencialidades. O espaço da escola é um ambiente que convida a criança a participar e vivenciar as brincadeiras e as interações que vão surgindo a partir delas.

É essencial para todos, crianças e professores, o envolvimento nas trocas constantes de experiências, aprendendo a brincar, vivenciando experiências lúdicas. As crianças são livres para escolherem quais as brincadeiras querem participar ou quais espaços querem explorar. Isso é fundamental para que os desejos e escolhas de cada criança sejam respeitados e valorizados no processo de socialização de troca de conhecimentos.

Durante esse estudo pude melhor compreender a importância da Educação Infantil para as crianças de 0 a 6 anos de idade, que deve ser oferecida para todas as crianças, num espaço educacional de qualidade, que entenda a criança como um sujeito de direitos e que nesses espaços a brincadeira esteja presente nas rotinas e propostas favorecendo e provocando diferentes interações no grupo.

6- Referências Bibliográficas

AUDET, Marc. A pedagogia Freinet. IN: GAUTHEIER, Clemont e TARDIF, Maurice. A pedagogia. Teorias e práticas da antiguidade aos nossos dias. Petrópolis: Vozes 2010. P. 253 – 269.

BARROS, Camila, SCRAMINGNON, Gabriela, CHAMARELLI, Luciana e CASTRO, Mariana. Algumas faces da formação entre as políticas municipais e o cotidiano da educação infantil. In: KRAMER, Sônia, NUNES, Maria Fernanda e CARVALHO, Maria Cristina (orgs.). Educação Infantil: Formação e Responsabilidade, São Paulo: Papyrus, 2017.

BORBA, Ângela Meyer. A brincadeira como experiência de cultura. In: CORSINO, Patrícia. (Org) Educação infantil: cotidiano e políticas. Campinas, SP; Autores Associados, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil / Secretaria de Educação Básica – Brasília: MEC, SEB, 2010.

_____ (1996) Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, n. 9394

BROUGÈRE, Gilles. A criança e a cultura lúdica. Ver. Fac. Educ, São Paulo, v. 24, n.2, July 1998. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?=sci_arttext&pid=SO10n2-25551998000200007&Ing=en&nrm=isso

Critérios para um Atendimento em Creches que Respeite os Direitos Fundamentais das Crianças – Ministério da educação e desporto- Secretaria da educação fundamental. Organizado por Fúlvia Rosemberg e Maria Malta Campos (1995) / Correspondente ao livro de capa azul – divulgado pelo MEC.

FAZOLO, Eliane. Pelas telas do aramado: práticas culturais e pedagógicas na educação infantil. In: ROCHA, Eloisa Candal e KRAMER, Sonia. (Orgs.) Educação Infantil: enfoques em dialogo. SP, Campinas: Papyrus, 2011.

FREIRE, Madalena. Memória. In: Freire, Madalena. Educador educar a dor. SP: Paz e Terra, 2008.

GOUVEA, Maria Cristina Soares de. A criança e a linguagem: Entre palavras e coisas. In: PAIVA, Aparecida (org) Literatura: Saberes em movimento. Belo Horizonte, Autêntica, 2007.

GUIMARÃES, Daniela. Educação infantil: espaços e experiências. In: CORSINO, Patricia. (Org) Educação infantil: cotidiano e políticas. Campinas, SP; Autores Associados, 2009.

LEITE FILHO, Aristeu Gonçalves e NUNES, Maria Fernanda. Direitos das crianças à educação infantil: Reflexões sobre a história e política. In: KRAMER, Sônia, NUNES, Maria Fernanda e CARVALHO, Maria Cristina (orgs.). Educação Infantil: Formação e Responsabilidade, São Paulo: Papyrus, 2017.

MEC – MINISTERIO DA EDUCAÇÃO (2006). Educação Infantil: Orientações sobre a organização e o funcionamento da Educação Infantil, inclusive sobre a formação docente, em consonância com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil.

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=11250-pceb017-12&category_slug=julho-2012-pdf&Itemid=30192

MOURA, Maria Teresa Jaguaribe de, A brincadeira como encontro de todas as artes. In: CORSINO, Patricia. (Org) Educação Infantil: cotidiano políticas. Campinas, SP; Autores Associados, 2009.

NUNES, Maria Fernanda, KRAMER, Sonia. Educação Infantil e expansão da escolaridade obrigatória: Questões para a política, a formação e a pesquisa. In: KRAMER, Sônia, NUNES, Maria Fernanda e CARVALHO, Maria Cristina (orgs.). Educação Infantil: Formação e Responsabilidade, São Paulo: Papyrus, 2017.

NUNES, Maria Fernanda, CORSINO, Patrícia e KRAMER, Sonia. Crianças e adultos em instituições de educação infantil: o contexto e a pesquisa. KRAMER, Sonia (orgs). Retrato de um desafio Crianças e adultos na educação infantil, São Paulo: Ética, 2009

OLIVEIRA, Marta Khol. Vigotsky: Aprendizagem e desenvolvimento, um processo sócio histórico. São Paulo: Scipione 2010.

SCHMITT, Rosinete V. O encontro com bebês e entre bebês: Uma análise do entrelaçamento das relações. ROCHA, Eloisa A.C., In: KRAMER, Sonia (orgs). Educação Infantil enfoques em diálogo, São Paulo: Papyrus, 2014.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. Pensamento e linguagem. São Paulo: Martins Fontes 1991.

TIRIBA, Léa, BARBOSA, Silvia Néli, SANTOS, Nubia. O cotidiano na educação infantil: buscando interações de qualidade. In: KRAMER, Sônia, NUNES, Maria Fernanda e CARVALHO, Maria Cristina (orgs.). Educação Infantil: Formação e Responsabilidade, São Paulo: Papyrus, 2017